

Produção para mídias sociais pautada na acessibilidade visual: o caso do “Biblioteca Falada”¹

Amanda Menezes Farias de Souza²
Guilherme Ferreira de Oliveira³
Suely Maciel⁴

Resumo

As mídias sociais permitem a interação entre os usuários e a sua contribuição na produção de conteúdo. Contudo, a característica vital dessas plataformas é o audiovisual, dificultando o acesso das pessoas com deficiência visual caso a mensagem não tenha equivalentes alternativos para a informação icônica. Para enfrentar essa barreira e garantir a participação desse grupo, é importante o uso de recursos de acessibilidade, como a Audiodescrição. Assim, este trabalho tem como objetivo descrever a prática de produção de conteúdo para mídias sociais numa perspectiva inclusiva e de uso de recursos de acessibilidade visual do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Mídia e Acessibilidade “Biblioteca Falada”, da Unesp/SP. A análise pode indicar possíveis práticas na produção de conteúdos que considerem as pessoas com deficiência visual.

Palavras-chave

Acessibilidade; Mídias Sociais; Deficiência Visual; Comunicação Organizacional; Biblioteca Falada.

Introdução

A inclusão de pessoas com deficiência na sociedade é pauta latente das discussões em diversas áreas da sociedade. A inclusão, segundo Sasaki (2009), envolve diversos aspectos e dimensões que precisam ser pensadas coletivamente para que a cidadania desse coletivo seja garantida. A acessibilidade, entendida como as condições de acesso para fruição autônoma da vida em sociedade (BRASIL, 2015), é central para as pessoas com deficiência.

¹ Trabalho apresentado no Espaço Graduação, atividade integrante do XVII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Graduanda do curso de Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Bauru. E-mail: amanda.mf.souza@unesp.br

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Bauru. E-mail: guilherme.f.oliveira@unesp.br

⁴ Docente dos cursos de graduação em Jornalismo e Relações Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Bauru. E-mail: suely.maciel@unesp.br

Dentre as dimensões da vida social estão as relações com/nos meios de comunicação, como nas mídias sociais digitais. Estas têm ocupado grande espaço na vida cotidiana dos indivíduos, seja para o exercício de atividades de trabalho, para entretenimento ou para interação e outras (e, às vezes, novas) formas de sociabilidade (JENKINS, 2013). Ainda, as formas de interação nesse ambiente são essenciais no consumo de informações e na formação da opinião pública, de maneira que as organizações e as marcas fazem parte das relações sociais que agora, mais do que nunca, são permeadas pelas mídias digitais. Nesse ambiente, por exemplo, o público tem o poder de gerar conteúdo, invertendo a lógica de produção e recepção, e, por isso, notam-se “novas relações de poder e de diálogo entre uma organização e seus públicos” (TERRA, 2015, p. 106).

De forma geral, o espaço ocupado pelas mídias digitais na internet na vida cotidiana é grande, mas é necessário discutir as questões de acesso nesses ambientes. Com acesso, refere-se à possibilidade de receber e compreender informações, inclusive as construídas em formatos baseados na visão.

Esse trabalho⁵ propõe descrever a prática de produção de conteúdo para mídias sociais numa perspectiva inclusiva e de uso de recursos de acessibilidade visual do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Mídia e Acessibilidade “Biblioteca Falada”, além de incentivar o desenvolvimento inclusivo de mídias. A análise indica possíveis práticas na produção de conteúdos que considerem o público de interesse, mas também toda a diversidade funcional humana a partir dos parâmetros de acessibilidade.

Deficiência e Comunicação

No decorrer de séculos, a pessoa com deficiência foi vista como uma vítima da sociedade (DINIZ, 2007). No período feudal, quando a vida era regida pela religião, a deficiência era uma maldição, um pecado, castigo do Divino. Ao evoluirmos para uma sociedade antropocêntrica, a deficiência se torna sinônimo de patologia, uma perspectiva que ainda perdura. Ambas as perspectivas são fundamentadas na discriminação. Contudo, foi quando a sociedade entrou no modo capitalista de produção, após a revolução industrial, que a segregação foi intensificada para aqueles com deficiência, afinal, o corpo precisa ser produtivo;

⁵ Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de iniciação científica, em desenvolvimento no âmbito do Laboratório Biblioteca Falada, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

cria-se uma distinção entre forte e fraco, utilizável e menos utilizável e o corpo que não produz não é rentável (PICCOLO; MENDES, 2013a).

Sob o olhar dos *Disability Studies*, a deficiência é, na realidade, um produto da opressão da sociedade sob um corpo com lesão (PICCOLO; MENDES, 2013b).

Lesão é vista como a falta de parte ou da totalidade de um membro, órgão ou sentido não funcional, portanto, refere-se às condições biofísicas do indivíduo, em clara alusão ao modelo individual/médico, enquanto a deficiência trata-se da ‘desvantagem ou restrição de atividade causada por uma organização social contemporânea que não leva em conta as diferenças expressas por pessoas com deficiências, excluindo-as da participação nas atividades sociais’ (UPIAS, 1976, *apud* PICCOLO; MENDES, 2013, p. 300b).

Dentre as diversas perspectivas teóricas componentes dos *Disability Studies*, tem-se a classificação de modelos de deficiência, as vertentes pós-assistencialistas e de superação de um olhar médico. Piccolo e Mendes (2013b), apresentam algumas maneiras de se compreender a deficiência usualmente discutidas nas últimas décadas: 1) deficiência como restrição corporal, demandando um tratamento médico para melhorar o bem-estar (visão mais patológica); 2) e deficiência como desvantagem social, a qual demanda que o ambiente seja adequado para que todos possam dele fazer uso (PICCOLO; MENDES, 2013b).

Ainda sob a influência desta perspectiva, Sasaki (2009) define inclusão como “um processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana” (SASSAKI, 2009). Esses processos devem atuar em seis dimensões: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal (SASSAKI, 2009). A comunicacional, como sendo uma parte fundamental para a vida em sociedade, será o recorte deste trabalho.

A dimensão comunicacional refere-se a qualquer relação interpessoal, incluindo a conversa face a face e a comunicação mediada, como a escrita (livros, jornais, revistas), a eletrônica (radiodifusão sonora e televisiva) e a comunicação digital (SASSAKI, 2009).

É fato que a garantia do direito universal de acesso à informação é papel da sociedade, da família e do Estado, a partir da disponibilização de meios e recursos para que todos tenham acesso. No Brasil, foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), em 2015, para promover, entre tantos direitos, a acessibilidade, isto é, garantir que a pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida possa “viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social” (BRASIL, 2015).

Sendo assim, todo processo comunicativo deve ser devidamente adequado para que todos possam acessar informações, consumir e produzir conteúdos e formar opiniões.

Acessibilidade na comunicação digital para pessoas com deficiência visual

No cenário atual, vê-se o desenvolvimento de dinâmicas interpessoais regidas pelas tecnologias da comunicação e informação, em especial a internet, que promove mudanças na forma como as pessoas se comunicam (CASTELLS, 2005). Com a intensificação do uso da internet e o advento da Web 2.0, nota-se uma transformação cultural no que se refere à produção de conteúdo, ou seja, as pessoas, além de interagirem no espaço virtual, também passaram a usá-lo para publicar produções independentes (JENKINS, 2013), especialmente nas mídias sociais digitais. Diversas são as plataformas de mídias sociais, como Instagram, Facebook, TikTok, YouTube, Twitter, Pinterest etc., com publicações, nos mais variados formatos multimídia, feitas pelos próprios usuários, os quais se tornam produtores e consumidores das mensagens.

As mídias sociais apresentam-se hoje como importante espaço para participação, tanto no que se diz respeito à interação, quanto como uma esfera de participação pública e política (LEITE; LUVIZOTTO, 2017). Essa participação, segundo Luvizotto e Seridório (2016), é o pleno exercício da cidadania, acesso e autonomia para não apenas fazer parte, mas para “tomar parte” do espaço midiático que, a princípio, seria (ou deveria ser) democrático. A partir disso, a participação plena das mídias sociais requer minimamente o acesso à rede de internet, tempo livre e aptidão para expressão (LUVIZOTTO; SERIDÓRIO, 2016, p. 214).

É importante, então, pensarmos sobre a participação do usuário das mídias sociais desde o acesso à internet até a experiência no ato da expressão e do consumo de conteúdo. Nesse sentido, nos atentamos para o fato de que a experiência pode enfrentar uma série de barreiras, a depender de como a comunicação se configura e efetiva.

Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2018) “Disability and Development”, pessoas com deficiência apresentam níveis mais baixos de uso da Internet quando comparadas com pessoas sem deficiência. O relatório aponta que a falta de acessibilidade na programação e nos conteúdos são fatores determinantes para o baixo número de usuários, além dos aspectos de desigualdade digital relacionados ao custo de conexão à Internet, à posse de dispositivos e ao baixo nível de competência digital.

Entende-se, portanto, que outros fatores são limitantes para a participação digital, para além dos mencionados, uma vez que “mesmo se essas pessoas se capacitassem digitalmente, considerando o opaco limite entre habilidade digital e falta de acessibilidade, não há garantia do acesso” (VICENTE; FERREIRA, 2020, p. 224).

No exemplo específico da pessoa com deficiência visual, a fruição da mensagem por parte dos sujeitos pode ser insatisfatória ou até mesmo completamente inviabilizada, uma vez que plataformas como Instagram, TikTok e Youtube têm a mensagem visual como componente fundamental de sua conformação. Portanto, plataformas sem recursos que funcionem como alternativas de acesso à dimensão visual das mensagens impedem a participação das pessoas com deficiência visual justamente num espaço que tem como principal objetivo a interação e a atuação independente e autônoma dos usuários.

Atualmente, no Brasil, aproximadamente 17 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência, o que corresponde a 8,4% da população. Dentre elas, 6,9 milhões possuem deficiência visual, em variados graus (IBGE, 2021). Essas pessoas têm seu direito de participação negado diariamente por conta das barreiras de acesso colocadas pela sociedade e pela forma como esta se organiza (ELLIS; KENT, 2011). É importante ressaltar que o direito à informação e à comunicação é garantido por lei, desde a Constituição Federal até a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). Uma das maneiras de eliminar essas barreiras e garantir o direito de todos à comunicação e à informação é a utilização de Tecnologias Assistivas e recursos de acessibilidade.

A Audiodescrição é uma tecnologia assistiva e uma modalidade de Tradução Audiovisual Acessível (TAVA), juntamente com a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) e a Janela de Libras (ARAÚJO; ALVES, 2017). O recurso consiste em uma tradução oral, inter ou intralingual, de elementos visuais e pode estar presente em todos os tipos de mídias visuais – como teatro, cinema, TV, artes visuais em espaços públicos e no ambiente digital etc. (SPOLIDORIO, 2017). O principal objetivo do uso de recursos de TAVA é abrir possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar da pessoa com deficiência (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010, p. 7).

Um estudo de Fuglerud *et al.* (2012) avaliou o uso de mídias sociais por pessoas cegas e com baixa visão e o papel da presença digital na vida desses indivíduos. Dentre os resultados, a maior dificuldade dentro do Facebook, plataforma mais utilizada entre os participantes, estava na navegação, pois os ícones eram constituídos de imagens sem texto alternativo (FUGLERUD *et al.*, 2012). Quando avaliado o acesso ao conteúdo, era ainda mais difícil, visto que as imagens

postadas raramente apresentavam audiodescrição. O estudo ainda concluiu que as mídias sociais eram o principal meio digital de se informar sobre o mundo e também sobre os acontecimentos sociais de amigos e familiares, dentre esse grupo (FUGLERUD *et al.*, 2012,).

Entendendo as mídias sociais como uma das principais formas de interação humana hoje, Patrícia Silva de Jesus, conhecida como Patrícia Braille, Fundadora e produtora de conteúdo da PalavraChave Acessibilidade, iniciou uma campanha, chamada #PraCegoVer, com o objetivo de crescer a *hashtag* seguida de uma simples audiodescrição da imagem, possibilitando o acesso àqueles que não enxergam (JESUS, 2018). As tecnologias assistivas como os leitores de tela, usados pelas pessoas com deficiência visual, leem diretamente na programação do site a descrição inserida. Já as *hashtags* inclusivas são descrições inseridas no corpo do texto das publicações, também lidas pelos leitores de tela e sinalizadas pelo uso de *hashtags*. O leitor de tela, como tecnologia assistiva, é a ferramenta que proporciona a autonomia da pessoa com deficiência visual para navegar em dispositivos tecnológicos e consumir conteúdos. O objetivo maior é “proporcionar à pessoa maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado e trabalho” (BERSCH, 2013 *apud* LEITE; LUVIZOTTO, 2017).

A #PraCegoVer tomou tamanha proporção no Brasil que a *hashtag* é usada ainda em perfis do governo, de grandes corporações e de influenciadores digitais. Hoje, outras *hashtags* de sinalização de recurso assistivo vêm sendo utilizadas e ganhando força, como #PraTodosVerem, #PraVoceVer, #PraTodesVerem, #DescrevipraVocê, #DescriçãoDaImagem etc.

As próprias plataformas desenvolveram mecanismos de texto alternativo automático, elaborado por inteligência artificial, mas que não garantem a completa tradução da imagem, podendo ser editados (FACEBOOK, 2023). Diante disso é importante que usuários de mídias sociais tenham o cuidado e atenção para adaptar a audiodescrição automática.

Segundo Jesus (2018), a audiodescrição deve seguir um passo a passo: colocar a *hashtag*, informar o tipo de imagem (fotografia, ilustração, etc), iniciar da esquerda para a direita e de cima para baixo, informar cores, descrever todos os elementos em uma sequência lógica, com utilização de períodos curtos.

Além dos recursos de tradução, a acessibilidade também engloba a escolha de tipografia, contraste de cores, tamanho e disposição dos elementos que devem seguir certas diretrizes baseadas no desenho universal.

O conceito de desenho universal propõe-se gerar ambientes, serviços, programas e tecnologias acessíveis, utilizáveis equitativamente, de forma segura e autônoma por todas as pessoas sem que precisem ser adaptados ou readaptados especificamente (WERNECK, 2005).

O desenho universal é fundamentado em sete princípios: (1) uso equiparável; (2) uso flexível; (3) uso simples e intuitivo; (4) informação de fácil percepção; (5) tolerante ao erro; (6) baixo esforço físico; (7) abrangente (WERNECK, 2005).

Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho possui uma abordagem qualitativa com caráter descritivo e exploratório, com o apoio de pesquisa bibliográfica e documental. Após discorrer sobre as diferentes concepções de deficiência, a acessibilidade na comunicação e nos meios digitais, analisa-se um caso de desenvolvimento inclusivo de conteúdo para mídias sociais digitais, com a acessibilidade para pessoas com deficiência visual tanto na temática abordada, quanto no uso de recursos.

Foram escolhidas quatro publicações das mídias sociais do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Mídia e Acessibilidade “Biblioteca Falada” (doravante, Biblioteca Falada), organização que tem, como uma de suas atividades, a produção de mídia acessível para pessoas com deficiência visual e da qual os autores são integrantes. A escolha deste perfil deu-se pelo compromisso que o Biblioteca Falada assume em seu discurso para com as pessoas com deficiência visual. Logo, espera-se que os exemplos sejam condizentes e possam exprimir um padrão positivo de práticas acessíveis em mídias sociais. Os objetos de estudo datam entre maio de 2022 e fevereiro de 2023 e foram selecionados pelo destaque destes no perfil do Biblioteca Falada. A análise baseia-se na descrição dos recursos utilizados nas publicações, com destaque para a audiodescrição. Tensionam-se as aplicações práticas no caso apresentado com os referenciais utilizados nas seções anteriores.

Trata-se, portanto, de um trabalho experimental em que se resgatam aspectos teóricos estudados na pesquisa bibliográfica para ilustrar e compreender uma atividade realizada pelos autores no âmbito universitário, do Laboratório.

Apresentação e discussão do caso

O Biblioteca Falada é uma unidade do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, campus de Bauru/SP. Integrado por alunos de graduação e pós-graduação, o laboratório tem suas demandas originárias da necessidade de se olhar para a comunicação como fator importante para a vida em sociedade e promover a inclusão das pessoas com deficiência visual. Com a cooperação do Lar Escola Santa Luzia Para Cegos, em Bauru, o Biblioteca Falada, há quase 20 anos, realiza a transposição de textos e mídias visuais em mídia sonora, considerando a centralidade do áudio na ausência da visual (MACIEL, 2015).

Dentre as equipes que compõem o Laboratório está a de Comunicação Externa, composta por estudantes de graduação em Relações Públicas, Jornalismo e Design. A equipe é responsável pelas estratégias de relacionamento e interação com os públicos externos, tendo em vista a gestão da comunicação institucional (PERUZZO, 2013), ou seja, a imagem e a reputação do projeto. Ainda, a equipe realiza a atividade de produção de conteúdos sobre mídia e deficiência e acessibilidade comunicacional e midiática. Isso é feito principalmente nas redes sociais digitais, visando à difusão do conhecimento e à manutenção do relacionamento com seus públicos, compreendendo seu comportamento e características (TERRA, 2015). A equipe planeja-se e produz conteúdo sobre as temáticas do projeto, a partir de estudos sobre acessibilidade e inclusão, considerando aspectos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, como tipografia, contraste e audiodescrição de imagens (como texto alternativo (Alt) ou *hashtags* inclusivas) (JESUS, 2018), além da mensuração e análise dos resultados obtidos (TERRA, 2011).

As produções a seguir foram selecionadas com base na qualidade das audiodescrições das imagens e nos aspectos da acessibilidade visual essenciais para a garantia de compreensão da informação, os quais seguem os parâmetros do Desenho Universal. Apresentam-se as publicações selecionadas, destacando essas características.

Figura 1 - publicação do 9 fev. 2023

Imagem



Descrição da Imagem

#PraCegoVer Imagem digital de fundo roxo com marcas d'água de balões de fala. Ao centro há uma fotografia e abaixo dela está escrito "O BF em Londrina, PR". Na fotografia há três jovens abraçados em frente a uma lousa de giz. Eles vestem camiseta roxa com o logotipo do Biblioteca Falada ao lado direito e crachá no pescoço. À esquerda está Caroline Lourenção, mulher branca de cabelos castanhos claros médios e rosto redondo. Ela usa óculos de armação transparente e está sorrindo. Ao lado está Guilherme Ferreira, homem branco de cabelos cacheados pretos, barba rala e bigode. Guilherme também sorri e é o mais alto entre os três. A direita está Gabriel de Ávila, homem branco alto e magro. Tem cabelos cacheados, barba e bigode e usa óculos de armação redonda fina e preta. (fim da descrição)

Fonte: perfil no Instagram @bfalada, 2023

O aspecto que se busca destacar com essa publicação é o contraste, tanto entre a fotografia que compõe a arte gráfica, quanto entre o fundo da imagem e o texto inserido. É importante ressaltar a presença de caixa de texto em amarelo para destacar a escrita e para que ela não entre em conflito com os grafismos do fundo da imagem.

Em relação à segunda publicação (Figura 2), o texto da imagem possui características fundamentais para a acessibilidade visual: predominância de caixa alta, tamanho que permite fácil leitura, e fonte sem serifa.

Figura 2 - publicação do 9 nov. 2022

| Imagem | Descrição da Imagem |
|---|---|
|  | <p>Imagem digital vertical com fundo amarelo e marcas d'água de balões de fala. No topo, com letras roxas, está escrito "RECURSOS DE ACESSIBILIDADE em serviços de streaming". Embaixo do título estão os símbolos da audiodescrição (AD), do closed captions (CC) e o do tamanho de fontes (Aa). Em seguida há um carrossel com cenas estáticas de alguns filmes que representam os streamings, são cinco cenas e a que está no centro tem o símbolo de "começar" (play) no meio. No canto inferior esquerdo há três setinhas roxas que apontam para a direita, indicando que esse post contém mais páginas.</p> |

Fonte: perfil no Instagram @bfalada, 2023

Na terceira publicação (figura 3) busca-se destacar a ordem de construção da descrição da imagem. A descrição segue uma linha de raciocínio no texto baseada na posição dos elementos da imagem e também na ordem de informações. Em primeiro lugar, descreve-se o tipo de imagem e a base dela "Imagem digital com fundo amarelo com marcas d'água de balões de fala", e posteriormente o tema, que é essencial para a identificação dos elementos dispostos em seguida e também para um melhor engajamento com a publicação: "#Indicação do BF" na cor branca. No centro, a frase: "Influenciadores com deficiência visual para você seguir", escrita em amarelo sobre uma caixa de texto roxa.

Figura 3 - publicação do 27 maio 2022

| Imagem | Descrição da Imagem |
|---|---|
|  | <p>Imagem digital com fundo amarelo com marcas d'água de balões de fala. No canto superior esquerdo um retângulo roxo e sobre ele a hashtag: “#IndicaçãoBF” na cor branca. No centro, a frase: “Influenciadores com deficiência visual para você seguir”, escrita em amarelo sobre uma caixa de texto roxa. Abaixo, fotos dos influenciadores, contornadas por uma sombra roxa, e figuras de coração, curtida e surpresa estão espalhadas. Da esquerda para a direita, respectivamente, está Marcos Lima, homem branco, com rosto oval, cabelo preto, lábios grossos e barba. Na foto ele está sorrindo. Ao lado dele, estão Mel e seu cão guia Hilary. Mel é uma mulher branca, com o cabelo castanho claro, rosto retangular, olhos castanhos e lábios finos. Hilary é uma cachorra de porte grande com os pelos pretos. Na foto, Mel está sorrindo ao lado de Hilary. Ao lado direito da imagem, está Mayra, mulher branca, com o cabelo preto e cacheado, rosto oval e lábios grossos. Na foto ela usa aparelho nos dentes e está sorrindo.</p> |

Fonte: perfil no Instagram @bfalada, 2023

Seguindo a ordem de apresentação dos elementos na imagem, a descrição das fotografias da arte digital é descrita na posição em que se encontram. Nota-se que cada elemento é construído separadamente, ou seja, a pessoa na fotografia é apresentada e descrita para então a próxima ser apresentada: “Da esquerda para a direita, respectivamente, está Marcos Lima, homem branco, com rosto oval, cabelo preto, lábios grossos e barba. Na foto ele está sorrindo. Ao lado dele, estão Mel e seu cão guia Hilary. Mel é uma mulher branca, com o cabelo castanho claro, rosto retangular, olhos castanhos e lábios finos. Hilary é uma cachorra de porte grande com os pelos pretos. Na foto, Mel está sorrindo ao lado de Hilary. Ao lado direito da imagem, está Mayra, mulher branca, com o cabelo preto e cacheado, rosto oval e lábios grossos. Na foto ela usa aparelho nos dentes e está sorrindo.” É importante que a descrição dos traços físicos das pessoas seja sempre sucinta, cobrindo os elementos mais marcantes de cada um, afinal, o foco da mensagem não está nos traços, mas na informação da publicação – a ocupação de cada pessoa

apresentada e os motivos pelos quais é interessante acompanhar o trabalho desses influenciadores.

A temática central da publicação abaixo (Figura 4) é também uma das principais características de acessibilidade do perfil, que é a ausência de recursos de acessibilidade nos *stories*, ferramenta da plataforma Instagram. Todos os elementos visuais, ainda que sejam textos, são transformados em imagem quando publicados e não há a opção de acrescentar alternativa textual. Sem a alternativa, os leitores de tela não conseguem processar o conteúdo, sendo impossível, então, de ser consumido por usuários que dependem do leitor de tela para recebimento da mensagem. Pelo fato de os *stories* serem acessíveis, o Biblioteca Falada optou por não utilizar a ferramenta.

Figura 4 - publicação do 20 jun. 2022

| Imagem | Descrição da Imagem |
|--|---|
|  | <p>Imagem digital com fundo roxo em degradê, com marcas d'água de balões de fala dispostos da metade até o canto inferior. No canto superior direito está a logo do Biblioteca Falada. Abaixo, à esquerda, está escrito em branco: "Por que nós NÃO postamos nos STORIES?". A palavra "STORIES" está grifada em um retângulo laranja. Na parte inferior da imagem está a fotografia da mão de uma pessoa segurando um celular. No celular, a pessoa acessa o aplicativo do Instagram.</p> |

Fonte: perfil no Instagram @bfalada, 2023

Considerações

Este trabalho propôs descrever a prática de produção de conteúdo para mídias sociais numa perspectiva inclusiva e de uso de recursos de acessibilidade visual do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Mídia e Acessibilidade “Biblioteca Falada”. Acredita-se que a inclusão digital não deve ser reduzida somente a uma questão de literacia e habilidades dos usuários para acessar a informação. Nas produções do Biblioteca Falada, percebe-se a

consideração de questões fundamentais de garantia de acesso para toda a população, garantindo o acesso à informação.

O trabalho atinge seu objetivo ao traçar os principais recursos de acessibilidade presentes nas publicações, como atenção a tipografia, cor, contraste, presença de descrição da imagem etc., e ressaltando a necessidade da aplicação desses recursos. A produção de conteúdo com o olhar para a acessibilidade é fundamental quando pensamos que o ambiente digital é constituinte do espaço público (ONU, 2006), logo, todos precisam ter acesso a este espaço. Os apontamentos realizados destacam as características da acessibilidade 2.0 (ELLIS; KENT, 2011): a possibilidade de acesso à informação de outras formas (neste caso, não a visual) e a partir de outros formatos, de acordo com as necessidades, capacidades e vontades do público.

Todavia este trabalho se limita a apenas um caso: uma organização cuja produção de mensagens para as redes sociais faz o pleno uso dos recursos de acessibilidade em todas as publicações. Sabe-se que a realidade das páginas nas mídias digitais não é a mesma. O propósito da exploração foi apresentar um exemplo que possa servir de modelo para outras organizações e produtores de conteúdo. Espera-se que estes reconheçam a importância das condições de acesso, de forma que construam uma comunicação digital mais inclusiva.

O estudo terá sua continuidade, focalizado na necessidade de compreender mais a audiodescrição nas mídias sociais digitais na perspectiva das pessoas com deficiência visual, quais são as preferências desses usuários e como consomem conteúdos nessas mídias.

Referências

ARAÚJO, V. L. S.; ALVES, S. F. Tradução Audiovisual Acessível (TAVA): audiodescrição, janela de libras e legendagem para surdos e ensurdecidos. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 305-315, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132017000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 mar. 2021.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**. Belém, Portugal: Imprensa Nacional, 2005, p. 17-30.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ELLIS, K.; KENT, M. **Disability and New Media**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

FACEBOOK. Accessibility. Disponível em <<https://www.facebook.com/help/273947702950567>> Acesso em 3 mar. 2023.

FUGLERUD, K. S.; TJOSTHEIM, I.; GUNNARSSON, K. R.; TOLLEFSEN, M. Use of Social Media by People with Visual Impairments: Usage Levels, Attitudes and Barriers. MIESENBERGER, K. *et al.* (Eds.). **Computer helping people with special needs**. Springer Berlin Heidelberg, 2012, p. 565–572.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde 2019 - ciclos de vida**: Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101846>>. Acesso em 11 out. 2021.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2013.

JESUS, P. S. #PraCegoVer: um diálogo sobre redes sociais, deficiência visual e outras cegueiras. In: XIX ENCONTRO INTERNACIONAL VIRTUAL EDUCA, 19, Salvador, Bahia, 2018. **Anais [...]. Virtual Educa**, 2018. Disponível em: <<https://repositoral.cuaed.unam.mx:8443/xmlui/handle/20.500.12579/5279>>. Acesso em 30 mar. 2021.

LEITE, F. P. A.; LUVIZOTTO, C. K. Participação, Acessibilidade Digital e a inclusão da pessoa com deficiência. **CONPEDI Law Review**, v. 3, n. 2, p. 240-261, jul/dez. 2017.

MACIEL, S. Projeto biblioteca Falada: inclusão e acessibilidade na comunicação. In: NETO, L. O.; CARNEIRO, M. C.; FILHO, P. N. L. **Universidade e Sociedade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 87-102. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/Utilidades/ebook-universidade-e-sociedade.pdf#page=89>. Acesso em: 6 mar. 2023.

MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (Org.). **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **UN Flagship Report on Disability and Development**: Realization of the sustainable development goals by, for and with persons with disability. 2018. Disponível em: <<https://www.un.org/development/desa/disabilities/publication-disability-sdgs.html>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

PERUZZO, C. K. Fundamentos teóricos das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no terceiro setor: perspectiva alternativa. **Famecos**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 89-107, 2013.

PICCOLO, G. M.; MENDES, E. G. Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 459-475, abr.-jun. 2013a.

PICCOLO, G. M.; MENDES, E. G. Sobre formas e conteúdos: a deficiência como produção histórica. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 31, n. 1, 283-315, jan./abr. 2013b.

SASSAKI, R. K. Inclusão: Acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

TERRA, C. F. **Mídias sociais...e agora?** O que você precisa saber para implementar um projeto de mídias sociais. São Caetano do Sul, SP: Difusão; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2011.

TERRA, C. F. Relacionamentos nas mídias sociais (ou relações públicas digitais): estamos falando da midiatização das relações públicas?. **Organicom**, v. 12, n. 22, p. 103-117, 2015.

VICENTE, M. M.; FERREIRA, M. Além das métricas: inclusão digital de pessoas com deficiência no Brasil e na Austrália. In: LUVIZOTTO, C. K.; ASSIS, C. (Orgs.). **Comunicação para a inclusão e a cidadania**. 1. ed. Aveiro, Portugal: Editora Ria, 2020, p. 209-229.

UNITED NATIONS (UN). **Convention on the Rights of Persons with Disabilities**. Department of Public Information © United Nations. 2006. Disponível em: <<http://www.un.org/disabilities/convention/conventionfull.shtml>>. Acesso em 09 jan. 2020.

WERNECK, C. **Manual sobre desenvolvimento inclusivo para mídia e profissionais de comunicação**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<https://www.escoladegente.org.br/outras-publicacoes/manual-sobre-desenvolvimento-inclusivo-midia-profissionais-comunicacao>>. Acesso em 24 jan. 2023.